

**Anais do Encontro Internacional - Políticas Educativas e Curriculares
Promoção do Centro de Formação das Escolas do Concelho de Valongo
Apoio da Revista *Currículo sem Fronteiras*
Ermesinde, Portugal – 28 de maio de 2002**

Michael W. Apple e os estudos [curriculares] críticos¹

João M. Paraskeva
Universidade do Minho, Portugal

Resumo

Neste texto, João Paraskeva apresenta a vida e a obra de Michael Apple, tratando de analisar a centralidade da contribuição deste autor para a área de currículo em particular e para a educação em geral.

Abstract

In this article, João Paraskeva presents Michael Apple's life and written contribution emphasizing Apples's centrality to the field of curriculum in particular and to education in general.

Ernesto Che Guevara, a propósito da luta, não tanto de uma forma *liliputeana* contra o capitalismo, mas sobretudo a favor da internacionalização da luta contra o imperialismo, como condição *sine qua non* para a construção de um mundo socialista, deixou dito, sensivelmente em meados da década de 60 do século passado, o seguinte: “Sinto inveja de vocês. Vocês estadunidenses, têm muita sorte. Travam a batalha mais importante de todas – vivem no coração da besta”². Se há frase que espelha e retrata de uma forma mais fiel a posição dos vários movimentos e intelectuais de esquerda estadunidenses, esta é de certeza uma delas. O teor de humildade veiculado por “Che” traduz não só quão difícil, no entanto

davídica, é a tarefa dos distintos movimentos e intelectuais de esquerda nos Estados Unidos da América, como ainda nos chama a atenção para a existência de uma esquerda activa e dinâmica, tantas vezes ignorada e silenciada por alguns estudiosos.

Embora de uma forma muito complexa e fragmentada a esquerda estadunidense [que curiosamente contou com o profundo e explícito envolvimento de luso-estadunidenses³] tem desempenhado desde sempre um papel charneira na resistência e bloqueio às políticas da direita radical e centro direita. Numa forma de actuar muito ao encontro do que defende De Certeau⁴, a esquerda estadunidense tem sabido, desde sempre, construir-se e manter-se como alternativa ao bloco hegemónico dominante. Com efeito, o cidadão ou cidadã comum estadunidense – mesmo os(as) mais desatentos(as) – tropeça sempre, tanto nas inúmeras práticas quotidianas desenvolvidas por uma esquerda activa [desde as chamadas escolas socialistas de domingo que remontam aos finais de século XIX, até às cooperativas actuais, são disso um exemplo bem elucidativo], quanto nas estratégias delineadas pela direita radical ou centro direita para impedir e dismantelar determinados ganhos que vão sendo diariamente construídos [o modo como Nader, candidato presidencial nas últimas eleições, foi positivamente impedido de participar nos debates televisivos, tendo ainda sendo proibida a sua presença na audiência dos debates, revela bem, a estratégia da direita na luta pela construção de um determinado senso comum⁵]. Seria importante uma análise sobre esta problemática e o papel que a escolarização aqui desempenha que, dado o objectivo deste texto, não encontra aqui espaço.

Uma análise cuidada aos arquivos ou, “sistemas de pensamento” – para usar a expressão de Foucault (1972: 128)⁶ –, documenta e comprova a dificuldade do ministério político e social da esquerda, sobretudo numa altura em que os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001 em Nova York [um acto, que em essência, se prende com o sequestro de uma religião e, por isso, diga-se de todo reprovável e inadmissível] reforçaram as posições dos distintos movimentos e intelectuais de direita nos Estados Unidos [e por esse mundo fora], com o conseqüente reforço da violação dos direitos humanos [um paradoxo numa nação que se diz democrática], através da criação de Tribunais militares, reestruturação das leis de imigração, clima de perseguição a [estudantes e professores] estrangeiros, controlo de correspondência eletrónica e normal, escutas telefónicas, etc.

Com efeito, o fatídico 11 de Setembro tem servido como cheque de validade para que os Estados Unidos da América (e seus sempre fieis aliados) mantenha(m) e solidifique(m) a sua posição de potência imperial. A esquerda assume agora um papel cada vez mais preponderante, na manutenção e no reforço de resistências e alternativas numa tentativa de impedir, quer a consolidação da capacidade militar e conseqüentes políticas militaristas (e porque não dizer também de genocídio), quer o condicionamento das políticas de conhecimento, quer o falso paradoxo da tecnologia como caminho para a equidade social, quer a recuperação de uma economia apoiada em pressupostos de segregação de raça, género, classe e orientação sexual, quer ainda o fortalecimento do aparato ideológico que já controla, confunde e manipula discursos e práticas sociais⁷.

Na verdade, e socorrendo-me da análise de Sousa Santos (2001)⁸, os movimentos e intelectuais de esquerda estadunidenses espalhados pelos mais diversos quadrantes da

sociedade enfrentam hoje, mais do que nunca, o regresso do *MaCarthismo* na sua mais sofisticada versão e percebem que, como nunca, devem abordar e mexer com pinças nos problemas de fundo da sociedade. Na verdade, qualquer análise cuidada em torno dos movimentos e intelectuais de esquerda estadunidenses não pode deixar de ignorar o vector de dificuldade e complexidade que a esquerda secularmente viveu e ainda vive nos Estados Unidos.

No campo das ciências sociais e da educação em particular, de entre os intelectuais que mais se tem destacado na esquerda estadunidense, juntamente com outros nomes como Chomsky, Zinn, Said, Greene, Harrington na luta pela construção de uma nação apoiada na justiça social, situa-se Michael Apple. O seu papel foi e continua a ser decisivo, sobretudo no momento actual em que se caiu num sórdido e infeliz lugar comum, culpabilizar-se as escolas pela inculcação de uma ideologia liberal a quem tem sido atribuída a responsabilidade da fragilização da sociedade estadunidense, tal como defendem, entre outros, Ravitch⁹, Bennett¹⁰, exigindo-se o regresso a determinados “motores” intelectuais ditos como mais identificados com a “tradição”.

Michael Whitman Apple nasce a 20 de Agosto de 1940 em Paterson, New Jersey, numa família de pobres operários emigrantes – oriundos da Polónia e da e então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – profundamente engajados nos movimentos políticos da esquerda radical estadunidense. Com uma infância marcada pela fome e pobreza, ainda muito jovem começou a trabalhar numa tipografia e como camionista, repartindo os seus estudos em duas instituições de formação de professores. Com o agudizar do conflito militar com o Vietnam, Michael Apple, apesar de ter evocado a clausula de objector de consciência, é chamado a prestar serviço militar. A sua [pouca] experiência adquirida como formando nos cursos de formação de professores levou-o a leccionar no exército, ocupando ainda também o posto de motorista de pesados nos transportes do exército. Concluído o serviço militar e dada a escassez de professores em Paterson, New Jersey, a sua experiência de ensino no exército permitiu-lhe ser contractado como docente a tempo inteiro, com apenas 19 anos.

Profundamente envolvido na comunidade, cedo aderiu a movimentos sociais da esquerda radical, que lutavam por uma sociedade mais justa e igual, sendo um dos membros fundadores da “Paterson Chapter of the Congress of Racial Equality”, tendo sido ainda Presidente de um Sindicato de Professores. Paralelamente a tudo isto, prossegue os seus estudos, concluindo o seu bachelato, sendo, posteriormente, aceite como aluno nos cursos de Pós-Graduação na Universidade Columbia. Em 1968, orientado por Jonas Soltis, conclui o seu Mestrado e, em 1970, orientado por Dwayne Huebner conclui o seu doutoramento, – “Relevance and curriculum: a study in phenomenological sociology on knowledge” – segundo Huebner (2000), um autêntico tratado sociológico e filosófico¹¹. Em Columbia, para além de ter frequentado cursos ministrados, entre outros por Phenix, Randall, Greene, Miel, Soltis e Huebner, assiste ainda a cursos de doutoramento ministrados por alguns dos intelectuais da Escola de Frankfurt, entre eles os de Arendt e Marcuse.

Concluído o doutoramento, é convidado por Kliebard para substituir Virgil Herrick, na Universidade de Wisconsin – Madison, e num período de dois anos, obtém o vínculo definitivo, uma regalia que, na academia estadunidense, normalmente, só se atinge passados 6 anos. É actualmente Professor John Bascom no Departamento de Currículo e Instrução e Estudos de Política Educativa, na Universidade de Wisconsin – Madison, sendo ainda Professor convidado de diversas Universidades em Espanha, Austrália, Nova Zelândia, Brasil, Inglaterra, Lituânia, Noruega e México.

Tal como tivemos oportunidade de deixar dito anteriormente, o percurso de Michael Apple não pode deixar de ser contextualizado com os variadíssimos movimentos e intelectuais de esquerda dos Estados Unidos da América. Antes de analisarmos uma das suas temáticas mais preponderantes que percorrem toda a sua obra, será assim de bom tom *ganhar* algum tempo analisando, embora dada a natureza do texto de uma forma breve, alguns dos movimentos, desenlaces e intelectuais que, muito embora de uma forma disposicional e persistentemente silenciados, tanto pelos media, quanto por uma parte significativa da academia, ajudam a compreender a postura intelectual de Michael Apple.

Muito embora, o trabalho de Michael Apple não possa ser desenraizado de toda uma tradição histórica de complexas lutas travadas por determinados movimentos e partidos situados na esquerda da esfera política, – entre outros o Partido Comunista, fundado em 1919¹², do Partido Socialista, fundado em 1901¹³ e do Partido Maoísta, emergente da purga anti Stalinista, fundado em 1968¹⁴ – o facto é que é na Nova Esquerda e na literatura da Nova Esquerda que o seu trabalho deve ser contextualizado.

No seu período de pós-graduação na Universidade Columbia, Michael Apple é colhido por um pulular de desenlaces sociais e políticos profundamente complexos que trespassavam a sociedade estadunidense. Entrava-se na década de 60 com muitas feridas abertas da saga do *McCarthyismo*. Durante os finais da década de 40 e ao longo dos anos 50, milhares de cidadãos e cidadãs que haviam tido uma participação activa na esquerda política estadunidense sofreriam fortes repressões políticas, tanto a nível federal, como a nível estadual. Muito embora não tenha atingido patamares de repressão, como outros movimentos de repressão na história mundial, o facto é que o *McCarthyismo* [assim denominado em homenagem a um senador do estado de Wisconsin que ocupou o espaço político denunciando casos de subversão política ao nível do governo federal] contribuiu para a fragilização de inúmeros movimentos de esquerda como por exemplo, o Partido Comunista dos Estados Unidos da América, como ainda conduz a inúmeras prisões, execuções¹⁵ e desemprego. A cruzada *McCarthyista* inicia-se em Washington, na qual a administração Truman fortemente pressionada pela ala radical do Partido Republicano, monta uma campanha contra os comunistas a nível interno. Embora a “Executive order” 9835, de 1947, barrasse a possibilidade de acção a comunistas, fascistas e outras correntes de cariz totalitarista, o facto é que, na prática, foram os movimentos e intelectuais de esquerda os que mais viriam a sofrer na pele os actos de perseguição. A “executive Order” 9835 tornara-se uma prioridade nacional e as Universidades seriam das instituições que mais represálias viriam a sofrer¹⁶.

Ainda a braços com a chaga do *McCarthyismo* a sociedade estadunidense vê os conflitos sociais a agudizarem-se. O estigma da segregação racial consolidava-se e multiplicava-se atingindo patamares sórdidos, provocando e precipitando, muito naturalmente, o surgimento, ou melhor o reavivar de uma determinada consciência nacional que viria a ter como expoente máximo o “Civil ‘right’s Movement”, cujas raízes, de todo não se encontram dissociadas, do “Civil ‘right’s Congress”, activo entre 1946 e 1956, e que segundo Horne (1987)¹⁷ ficou conhecida como a frente comunista com maior sucesso, despontando nele figuras como Robeson e Hammett.

O “Civil ‘right’s Movement” eclode bramando contra os desumanos actos de segregação a que se encontram submetidos os negros e negras, (e cidadãos e cidadãs não brancos/as) no sul dos Estados Unidos e, em 1954, consegue o feito histórico de forçar o Tribunal Supremo a validar a segregação educativa como um acto inconstitucional. Acusado desde o início de ser um movimento comunista, [definição algo linear e simplista para um Movimento profundamente complexo, como testemunham as suas três diferentes facções ou correntes internas, personificadas em Luther King, Jr., Bayard Rustin e Malcom X] o Movimento ao longo da sua existência foi impondo, de alguma forma, o ritmo e a cadência na resistência às políticas de genocídio social e na defesa de uma sociedade mais justa e igual inspirando-se e baseando-se muito na Declaração de Independência. Para além das inúmeras conquistas obtidas, como a sublevação em Montgomery e da participação activa no projecto “Highlander Folk School”, o Movimento assumiu ainda um papel preponderante na luta contra o envolvimento militar dos Estados Unidos no Vietnam¹⁸, posição esta que não foi alheia à Nova Esquerda, uma corrente, de algum modo, comburada pelo “Civil ‘right’s Movement” e que contou com a adesão de centenas de milhares de estudantes, professores e professoras ligados(as) às Universidades.

A Nova Esquerda nos Estados Unidos da América [com algumas influências da Nova Esquerda Britânica], embora não renegasse uma base Marxista, mas consciente, entre outras questões, dos excessos do Stalinismo, rejeitava e afastava-se explicitamente do reducionismo e hermetismo [não só económico] veiculado pela ortodoxia comunista e socialista, lutando pelos direitos humanos, por uma mudança cultural profunda no debate do seio da própria esquerda, defendendo um progresso social assente na igualdade. Apesar de no início ter conseguido pouca visibilidade a nível nacional, a nível local e estadual a Nova Esquerda sedimentou-se como projecto alternativo válido, desenvolvendo e marcando posições relevantes na sociedade dos Estados Unidos da América, como é o caso da formação do Centro de Estudos da Esquerda em 1955-56, na Universidade de Wisconsin – Madison, a primeira Revista especializada apelando para a necessidade de uma Nova Corrente. Na verdade, apesar de oriundo de um sentimento nacional, a Nova Esquerda estadunidense, enquanto corrente, sedimenta-se e ergue-se do local e estadual para o nacional, um processo seguro que foi contanto também com a chamada Nova literatura de Esquerda, onde pontificam entre os trabalhos de Marcuse, Chomsky, Lynd, Goddman e, numa fase posterior, Michael Apple¹⁹.

Na linha da frente do bloqueio e das manifestações [algumas atingindo o foro da violência] de revolta contra o envolvimento dos Estados Unidos da América na guerra do

Vietnam, encontra-se o movimento “Students for a Democratic Society”, cujas raízes repousam nos movimentos estudantis estadunidenses da década de 30, que iniciaram um sem fim de manifestações contra os alarmantes índices de desemprego. O flagelo da grande depressão e a conseqüente crise económica colocava em causa a lógica do sistema capitalista estadunidense. O movimento “Students for a Democratic Society”, ocupou um lugar preponderante não só na luta pelos direitos estudantis e na oposição ao conflito militar no Vietnam, como ainda na defesa de uma sociedade liberal²⁰. Este Movimento luta ainda pela implementação de uma democracia participativa na sociedade estadunidense [um termo secundado pela Nova Esquerda] uma forma de democrática apoiada no(a) cidadão(ã) e que assentava em dois eixos essenciais, a saber: (1) uma participação do(a) cidadão(ã) nas decisões sociais determinando assim a sua qualidade de vida e (2) a crença numa sociedade organizada por forma a encorajar a independência nos(as) cidadãos(ãs) e providenciar os meios para uma participação comunitária. De entre as suas acções mais notórias e violentas [mais de 2000 entre 1965 e 1970] destacam-se a ocupação dos campus Universitários de Beckerley, Chicago, Columbia, Harvard e Wisconsin que seriam rechaçadas pelo exército federal²¹.

É todo este legado histórico de lutas e conflitos que de uma forma muito breve fomos descrevendo e inserido nesta *antorag*e profundamente complexa que deve ser enquadrado o pensamento de Michael Apple. Michael Apple é parte integrante de um determinado momento histórico. Como salienta Ortega y Gasset “um homem faz parte de uma geração [...] e cada geração não se encontra num determinado espaço por obra do acaso, mas sim directamente enquadrada após a geração que a precede”²². No entanto, mais do que “um homem que vive ao nível [das exigências] da sua época”²³, Michael Apple revelou-se um intelectual e um pensador *avant la lettre*, denunciando ao longo de mais de três décadas uma explícita evolução intelectual, revelando uma complexidade de pensamento e amplitude de análise e ainda um ecletismo que impede a possibilidade de lhe reduzir a um mero rótulo. Cai assim por terra, os que, de uma forma algo precipitada, o defendem, de uma forma pálida, simplesmente, como um Neo-Marxista.

É neste clima de profundo tumulto social que Michael Apple deixa a Universidade de Columbia e chega à Universidade de Wisconsin – Madison. À sua chegada, o campus de Madison e os vários edifícios encontravam-se cercados pelo exército federal. Para os intelectuais da Nova Esquerda, Universidades como as de Wisconsin – Madison, dada a sua história de resistência e de lutas progressistas contra os sistema capitalista e imperialista e a falsa democracia estadunidense, constituíam o ambiente perfeito e seguro para o desenvolvimento das suas ideias.

Uma vez em Madison, Michael Apple dá continuidade a um percurso que marcaria os ritmos e os compassos do campo educativo, em geral e curricular, em particular. Num pensamento e prática onde são notórias as influencias de Marx, Shutz, Wittegenstein, Mearleau-Ponty, Gramsci, Marcuse, Horkheimer, Williams, Gerth, Habermas, Dewey, Rugg, Counts, Bode, mas sobretudo as interacções com Huebner, McDonald, Kliebard, Mann, Bernstein, Young, Freire, Whitty, Dale, Bourdieu, Chomsky, Beane e Selden, Enguita e Torres Santomé, não esquecendo o diálogo e constante desafio que tem mantido,

por exemplo, com Ravitch, Bennett, Herrnstein & Murray, Michael Apple inaugura o século XXI mantendo-se na liderança do debate educativo e curricular, assumindo-se como o grande precursor da Escola de Frankfurt no campo da educação e do currículo em particular, demonstrando a pertinência e acutilância da teorização crítica como a saída para a compreensão do actual fenómeno da escolarização. Na verdade, o vigor da teorização crítica surge ainda mais enfatizado por muitos outros estudiosos que haviam aderido às correntes pós modernas e pós estruturalistas e que acabaram por regressar ao campo da teoria crítica, como é o caso de Peter McLaren²⁴.

Há diversas maneiras de se *pegar* na obra de um autor. No caso concreto de Michael Apple, provavelmente o autor mais prolífico a seguir a Dewey, escorrem na sua vastíssima produção um conjunto de temas, conceitos e questões, alguns deles inquestionavelmente inovadores, que viriam a determinar o debate no campo educativo e curricular desde o último terço do século passado. Se há conceito charneira que trespassa toda a sua obra e pensamento e que surge directamente enxertado na zootomia que efectua às políticas sociais e educativas e curriculares é de facto a problemática que tece em torno do conhecimento tal como podemos constatar em algumas das suas obras fundamentais que a seguir abordaremos de uma forma breve, dada a natureza do texto.

Numa obra que foi considerada entre as 20 mais importantes do século no campo da educação – “Ideology and Curriculum” – Michael Apple, mais do que inaugurar o *Habermasianismo* no campo, desconstrói o reducionismo da corrente Marxista, introduz a preponderância do pensamento de Williams e Gramsci, escalpeliza o contributo da Nova Sociologia da Educação, denunciando a feliz promiscuidade entre Ideologia, Cultura e Currículo e o modo como os movimentos hegemónicos (e também contra hegemónicos) se [re][des]constróem e disputam um determinado conhecimento decisivo na construção e manutenção de um dado senso comum com implicações directas nas políticas sociais, em geral e educativas e curriculares, em particular. Esta obra, para muitas figuras de proa no campo do currículo – Huebner, McDonald, Mann, Kliebard, Beane, McLaren, Giroux, Macedo – seria o inaugurar de uma nova era no campo. Passava-se decisivamente do *Tylerismo* ao *Appleianismo*. Apesar de uma obra que vale pelo seu todo, não podemos deixar de destacar o profundo impacto que capítulos como o 1º, o 5º e o 7º criaram no campo.

Se por um lado, o 1º capítulo apresenta e introduz o conceito de hegemonia no campo educativo e curricular, um conceito preponderante no desmontar do reducionismo da teoria Marxista e o 5º capítulo examina os interesses sociais ainda incorporados nas formas dominantes do conhecimento curricular que se encontram, actualmente, nas escolas e que traduzem uma série de pressuposições ideológicas propondo ainda uma análise ao conhecimento explícito nas propostas e no material curricular amplamente aceite nas ciências e nos estudos sociais, prestando particular atenção, mais uma vez, à ideologia do consenso que preenche o conhecimento escolar e à falta de distribuição de conhecimento curricular com maior poder político, por outro lado, o 7º capítulo documenta o modo como as escolas desempenham um papel fundamental na distribuição de distintos tipos de conhecimento e disposições a diferentes tipos e classes de pessoas, através de um complexo

processo de rotulação social, analisando ainda a forma como funcionam os rótulos escolares e como emergem a partir de pressuposições ideológicas.

Nesta conformidade e na seqüência dos trabalhos, entre outros, de Dewey, Counts, Rugg, Bode, Huebner, McDonald e Mann, Michael Apple é o primeiro a reavivar, de uma forma explícita, o cunho político do acto educativo e curricular, uma questão que surge bem vinculada logo nos seus primeiros trabalhos nos finais da década de 60 e inícios da de setenta do século passado. Segundo Michael Apple uma das formas de desmontar o conhecimento veiculado pelo complexo magistério educativo passa pelo emprego da metáfora da distribuição nas formas culturais construídas e difundidas na sociedade. Ou seja:

“pode pensar-se no conhecimento como sendo algo distribuído desigualmante entre classes sociais e económicas e grupos ocupacionais, diferentes grupos etários e com grupos com poder diferenciado. Assim, alguns grupos têm acesso ao conhecimento que lhes é distribuído e não é distribuído a outros [...]. O défice de determinados tipos de conhecimento [de um determinado grupo social] relaciona-se, sem dúvida, com a ausência de poder político e económico que esse mesmo grupo revela na sociedade. Tal relação entre a distribuição cultural e a distribuição e controlo da capacidade económica e política – ou, mais claramente, a relação entre conhecimento e poder – é notoriamente de compreensão muito difícil. No entanto, a compreensão sobre a forma como o controlo das instituições culturais permite o aumento do poder que determinadas classes para controlar outras, providencia a capacidade de uma profunda penetração intelectual sobre a forma como a distribuição da cultura se encontra relacionada com a presença ou ausência de poder em grupos sociais”²⁵.

Para Michael Apple, a problemática do conhecimento veiculado pelas escolas (e não só) [cujas raízes devem ser procuradas tanto no seu trabalho de mestrado como no de doutoramento] é a pedra angular para o estudo da escolarização como veículo de selectividade. A manutenção [errónea e perigosa] da ideia de conhecimento como um artefacto relativamente neutro tornando-o apenas num objecto psicológico ou num processo psicológico tem permitido uma falaciosa e letal despolitização [quase integral] da cultura que as escolas distribuem. Para Michael Apple era fundamental o questionamento das formas de conhecimento difundido – de quem é esta cultura?, a que grupo social pertence este conhecimento? e de acordo com o interesse de quem é que se transmite determinado conhecimento (factos, destrezas, propensões e disposições) em instituições culturais como as escolas?, uma posição que revela também as suas ligações

com a Nova Sociologia de Educação em Inglaterra, mais concretamente com os trabalhos de Young, Bernstein, Flude & Ahier e Sharp & Green.

É esta preocupação com a problemática do conhecimento e a forma como se imiscui nas dinâmicas desiguais de poder e de controlo, no qual o processo de escolarização não é inocente, que iremos encontrar ao longo de todos os seus trabalhos – entre eles “Education and Power”, “Official Knowledge”, “Teachers and Texts”, “Cultural Politics and Education”, “Educating the ‘right’ Way” – e que viria a ser constantemente complexificada.

Na verdade, se logo no início transforma a questão spenceriana, ou dito de outra forma, reconstrói o raciocínio de Spencer, defendendo que mais importante do que a análise sobre “qual é o conhecimento socialmente mais valioso” é problematizar “de quem é o conhecimento mais valioso” em “Teachers and Texts”, retoma esta questão complexificando-a através de uma análise da relação que se estabelece entre o conhecimento veiculado nas escolas e os textos escolares.

Nesta obra, e numa análise que podemos denominar “Pós-Willis”²⁶, Michael Apple denuncia o circuito de produção cultural analisando os manuais escolares e outros textos oficiais, não só através das diferentes etapas do circuito cultural, mas também as implicações sociais e políticas de tal circuito. Através desta análise, Michael Apple consegue mostrar ao leitor quão complexas são as relações de poder económico, político e familiar, bem como o modo como tais intersecções conduzem à produção dos manuais e outros textos relacionados com as políticas educativas e curriculares. Uma análise que não só ajuda a esclarecer os significados subjacentes nos referidos manuais e textos, como ainda as implicações de tais significados no quotidiano da vida escolar, com a consequente estigmatização de um clima e práticas de selectividade e segregação.

Esta análise deve, no entanto, ser contextualizada com uma espécie de pórtico para a sua análise iniciada em “Official Knowledge” uma obra em que Michael Apple inaugura, de uma forma mais explícita, o ataque às políticas conservadoras e neoliberais. A problemática do dito conhecimento oficial surge aqui interseccionada, entre outras questões, com as políticas do senso comum, com a regulação desse mesmo conhecimento e ainda com as políticas culturais e o(s) texto(s). Esta posição crítica perante as políticas conservadoras e neoliberais – que conta muito com as influências de alguns elementos da Nova Sociologia da Educação – não surge num vazio social mas numa época em que o *Reaganismo* e *Tacherismo* profundamente influenciados pelas teorias, entre outros de Friedman²⁷ [e com um laboratório de ensaios como o Chile] levavam a cabo profundas transformações sociais e políticas que teriam implicações nefastas não só nos Estados Unidos da América e Reino Unido, como também no resto do mundo, tal como a história viria a comprovar²⁸. De entre as implicações mais letais e recentes destas políticas temos o caso da actual crise na Argentina.

É esta uma das linhas de análise crítica que Michael Apple irá perseguir e manter e que surge estampada nos seus trabalhos posteriores, nomeadamente “Políticas Culturais e Educação” e “Educating the ‘right’ way”. Se na primeira se verifica o retomar de algumas das ideias dos trabalhos anteriores e, no fundo, e tal como tive oportunidade de deixar dito num outro espaço, “é a problemática do conhecimento oficial que está em causa e que leva Michael Apple a reagir com firmeza ao modo como se realizam as abordagens ao currículo e avaliação nacionais [opondo-se] com firmeza, aos planos *choice* e *voucher*, pois apenas contribuirão para a multiplicação da estratificação e das desigualdades sociais”²⁹, na segunda complexifica ainda mais a sua análise em torno dos movimentos de direita, uma análise gerada como ele próprio destaca com base “evidências nacionais e internacionais sobre os efeitos das actuais políticas educativas [e curriculares], a [sua] participação em movimentos em inúmeros países contra reestruturação radical conservadora, e a arrogância

daqueles que demonstram uma fé inabalável nos mercados ignorando os danos que tal arrogância está a provocar em todo o mundo”³⁰

Tal como em “Official Knowledge” e “Políticas Culturais e Educação”, Michael Apple em “Educating the ‘right’ way” dá como mote ao leitor um pequeno excerto da sua história de vida como educador. A história do pequeno Joseph, é a história de milhões de educadores e educadoras, alunos e alunas espalhados(as) por esse mundo. Para além das histórias de vida, tal como destacam Bullough & Gitlin (1995: 25)³¹, nos ajudarem a “dar sentido e significado ao nosso [presente e] futuro”, permitem-nos também compreender, neste caso, a necessidade de se submeter a análise da escolarização a uma perspectiva relacional, como forma de se poder compreender as complexas dinâmicas de poder diferenciado que têm nas escolas [e noutras instituições sociais] a sua nascente e foz. A educação e currículo não são, como Michael Apple salienta, magistérios neutros. Não acontecem num vazio cultural, político, ideológico, religioso e interseccionam-se directamente nas dinâmicas de género, raça, classe e orientação sexual.

Se por um lado, “Educating the ‘right’ way” revela, provavelmente, a sua melhor análise crítica em relação aos nefastos efeitos do neoliberalismo [ou dito de uma forma provavelmente mais *Daleana*, em relação às políticas da modernização conservadora] na educação, em geral e no currículo, em particular, por outro revela-se de uma pertinência crucial numa fase em que nos Estados Unidos da América (e em muitos outros países do Ocidente) a direita tenta justificar de forma simplista e linear os sempre reprováveis acontecimentos de 11 de Setembro em Nova York, culpabilizando o caos liberal que assaltou e invadiu as escolas, como umas das raízes do sentimento anti-Ocidental.

Esta obra, não só denuncia os perigos que constituem os projectos *voucher*, *charter* e *homeschooling*³², enquanto mecanismos de privatização da educação como bem público e na difusão de um conhecimento selectivo, como ainda na problemática da socialização – um alerta que tem despertado cuidada atenção e estudo pormenorizado de inúmeros estudiosos espalhados pelo mundo como é o caso do recente e excelente trabalho de Torres Santomé³³ –, como também desconstroi os complexos movimentos da direita fundamentalista religiosa e o modo como de uma forma explícita se têm vindo a posicionar nas questões sociais, em geral e educativas e curriculares, em particular contribuindo ainda mais para as desigualdades sociais. Uma forte chamada de atenção, numa fase em que a direita (radical ou de centro) ocidental intencionalmente essencializa o conceito de fundamentalismo, ligando-o apenas a determinados cultos religiosos.

Se os projectos *voucher* e *charter* e os planos de escolha já se revelavam extremamente perniciosos para a construção de uma sociedade democrática pautada pela justiça e equilíbrio social, o *homeschooling*, que neste momento conta com milhões de estudantes nos Estados Unidos da América e que começa a esboçar-se também como perigosa alternativa à “crise” do sistema público de ensino nos Estados da União Européia, é sem dúvida um dos artefactos neoliberais mais complexos de desmontar e que interfere decisivamente nas dinâmicas de socialização, na fragilização da classe docente e na multiplicação do estigma de apartheid económico. Tal como tivemos oportunidade de referir num outro espaço:

“o *homeschooling*, [e os planos *voucher* e *charter*] é um projecto que surge como reacção à «incapacidade» demonstrada pelas instituições escolares, e que tem contado com enorme adesão por parte dos pais [...] Estamos perante um projecto que conjuntamente com os planos *voucher* e *choice* saem reforçados do último programa educativo de autoria dos Republicanos. O programa *No child left behind*, em essência, a cartografia da educação da administração Bush, parte do princípio da existência de uma crise que cesura a sociedade norte-americana [“vivemos uma crise nacional genuína. Cada vez mais estamos divididos em duas nações. Uma que lê e [uma] outra que não lê. Uma que sonha e [uma] outra que não sonha” (Bush, 2001: 1)] e assume-se como um exemplo acabado da política neoliberal. Perante a crise [culpa do excesso de Estado] importa transformar, o mais rapidamente possível, o papel federal na educação para que “nenhuma criança seja deixada para trás”, estratégia esta que passa também e sobretudo pelo delinear de políticas de protecção e incentivo aos modelos alternativos de escolarização como o *homeschooling* e os planos *choice* e *voucher*. O *homeschooling* [ou educação doméstica] é uma concepção de ensino que acontece no espaço familiar; as crianças abdicam de uma escolarização na escola e passam a ser escolarizadas em casa”³⁴.

Michael Apple em “Educating the ‘right’ way” não só deixa bem vincado o modo como a direita tem mantido e solidificado uma complexa coligação entre neoconservadores, neoliberais e a direita fundamentalista religiosa, [com o beneplácito de uma classe média cada vez mais endividada] como ainda analisa os danos que as políticas de modernização conservadora têm provocado

“de entre os objectivos mais importantes das agendas da direita encontram-se a mudança do nosso senso comum, alteração dos significados das categorias mais básicas, das palavras chave que empregamos para compreender o mundo social e educacional e o papel que cada um de nós ocupa nesse mundo. Em muitos aspectos o aspecto comum de tais agendas relaciona-se com aquilo que podemos denominar por políticas de identidade. O objectivo é alterar o que pensamos que somos e como é que são as nossas grandes instituições sociais para responder a esta identidade alterada. [...] o que somos e como pensamos sobre as instituições encontra-se intimamente relacionado com quem tem o poder para produzir e circular novas formas de compreensão das nossas identidades. Tanto as políticas educativas [e curriculares], quanto a construção do senso comum desempenham neste contexto um papel preponderante”. (Michael Apple, .2001: 9)”.

Com efeito, de entre os conceitos que mais tem vindo a ser recodificados pelos movimentos de direita encontram-se os de democracia, estado, público e privado, autonomia, prestação de contas. A democracia deixou de ser um conceito social e passou a aparecer revestido como um conceito económico. O Estado reduz-se ao mínimo possível,

desidentificado como baluarte da *res publica*. Para o privado e para a família atribuem-se agora as responsabilidades sociais mais pertinentes.

O pensamento e a obra de Michael Apple revelam-se assim decisivos para aqueles que se encontram preocupados com as questões de política educativa e curricular, sobretudo numa época onde se crê que a tecnologia, por si só, contribuirá para nivelar as desigualdades. Tal como Michael Apple salienta:

“a nova tecnologia não é apenas um aparato de máquinas e o seu conseqüente software. Representa uma forma de pensamento que orienta a pessoa a abordar o mundo de uma forma particular. Os computadores envolvem formas de pensamento que ao abrigo das actuais condições educacionais são essencialmente técnicas. Quanto mais a nova tecnologia transforma e modela a sala de aulas à sua própria imagem, mais a lógica técnica se substituirá a compreensão política crítica e ética. O discurso na sala de aulas centrar-se-á mais na técnica e menos na substancia”³⁵.

Tal como tive ocasião de deixar dito num outro contexto³⁶ a tecnologia não é a mera soma de *hardware* e *software* que através dos apelos ao fantástico da complexa dimensão humana permite requilibrar o tecido social. E, numa altura em que de [re]forma em [re]forma se persiste explicitamente em não discutir aberta e descomplexadamente o conhecimento que deve estar acometido ao empreendimento social da escolarização, a tecnologia posiciona-se nos perversos limites impostos por uma forma e conteúdo curriculares que urge repensar.

O pensamento e a obra de Michael Apple muito apoiada nas ferramentas veiculadas pelas correntes críticas [mas também pós estruturalistas], para além de nos alertar para os perigos do reducionismo das análises economicistas, permite-nos compreender as relações que se vão [de]construindo entre o conhecimento, políticas culturais, mecanismos de controlo e as suas implicações no dia a dia da vida escolar. Através de mecanismos “discretos” [mas explícitos] do controlo do trabalho docente³⁷, sobre as formas de ensinar e sobre o que se [diz que se] ensina, a escolarização tem mantido na prática um modelo de exclusão para além de participar directamente nas lutas pelo controlo do conhecimento que consolida um determinado senso comum, directamente voltado para a manutenção do sistema económico capitalista subjugando alunos e alunas [mas também professores e professoras] aos requisitos impostos pelas políticas delineadas pelo mercado de trabalho.

Ao longo da sua vasta obra, Michael Apple alerta-nos também para a necessidade e crucialidade de uma análise relacional em torno das políticas educativas e curriculares. Este tipo de abordagem permite-nos compreender, não só a relação entre o fenómeno educativo e as políticas sociais, culturais, económicas, religiosas e ideológicas mais amplas, como também o modo como os movimentos de direita espalhados pelo mundo se têm vindo a posicionar no controlo pelo conhecimento legitimado pela escolarização, um conhecimento que deve ser visto como parte de uma selecção histórica, tradução de conflitos, no plano

teórico e prático e que sistematicamente tem silenciado a vez e as vozes dos mais desfavorecidos³⁸.

Michael Apple, como poucos, tem defendido e mostrado que a esquerda continua a ser o projecto para o mundo e que não está refém nem de rasgos fundamentalistas, nem das mais valias que os movimentos de direita querem daí tirar. A leitura cuidada da sua obra, faz bem lembrar as telas de Jackson Pollock onde o titubear das cores e agressividade com que se conflictuam metaforizam de uma forma bem singular os profundos problemas da tessitura social e ainda quão complexo é o desmontar do magistério das políticas sociais. Em violento desacordo com Ravitch, Hirsh, Limbaugh, De Souza, a esquerda nunca foi poder nos Estados Unidos da América, apesar de ter poder. Um pensamento e obra que no fundo são também uma mensagem de esperança, de resistência e de avenidas alternativas, uma curta chamada de atenção que se impunha antes de colocarmos um ponto final neste texto, sobretudo numa altura em que, para usar a terminologia de Chomsky³⁹, as políticas educativas e curriculares mais parecem estar entregues a *Comissários* que preferem uma “escolarização que forme pessoas para governar do mundo em detrimento de uma outra que o faça funcionar” assente nos pilares mais elementares da justiça social.

Notas

- ¹ Agradeço o contributo crítico de Jurjo Torres Santomé (Universidade da Coruña, Espanha), Thomas Charles Pedroni (Universidade de Wisconsin – Madison, EUA) e Júlio Emílio Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).
- ² The Old Mole. *Apud*, Mari Buhle, Paul Buhle and Dan Georgakas (eds) (1992) *Encyclopedia of the American left*. Urbana: University of Illinois Press.
- ³ A história da esquerda estadunidense não se encontra dissociada de nomes como Augusto Pinto, Eula e Jo[s]é Figueiredo. Em relação ao envolvimento da esquerda luso-estadunidense no movimento de esquerda nos Estados Unidos da América *vide*: Pap, L. (1981) *The portuguese americans*. Boston: Twayne Publishers.
- ⁴ De Certeau, Michele (1984) *The practice of everyday life*. Berkley: University of California Press.
- ⁵ O mesmo sucedeu em Portugal aquando do primeiro debate televisivo que colocou frente a frente, apenas, dois líderes políticos candidatos a primeiro ministro, silenciando-se assim as vozes dos restantes.
- ⁶ Foucault, M. (1972) *The Archeology of knowledge*. New York: A.M. Sheridan Smith.
- ⁷ A este propósito *vide* Ramonet, I. (2002) O eixo do mal. *Le Monde Diplomatic*, 36 (Março).
- ⁸ Sousa Santos, Boaventura (2001) The role of the left in post-authoritarian politics: Southeast Asian and Latin American Experiences. *Forum*. University of Wisconsin – Madison.
- ⁹ A este propósito *vide* Ravitch, D. (1995) *Debating the future of American education. Do we need national standards and assessments?* Washington: The Institution, ou Ravitch, D. (1995) *National standards in american education. A citizen's guide*. Washington: Brookins Institutee ainda Ravitch, D. (2002) *Left back: a century of failed school reform*. New York: Simon & Schuster.
- ¹⁰ A este propósito *vide* Bennett, W. (1994) *The de-valuing of America. The fight for our culture and our children*. New York: Simon & Schuster e ainda Bennett, W. (1995) *The death of outrage: Bill Clinton and the assault on american ideals*. New York: Simon & Schuster.

- ¹¹ Huebner, Dwayne (2000) *Interview*. Washington, D.C.
- ¹² Para uma análise mais detalhada vide Bart, Philip, Bassett, Theodore & Weinstone, W. (1979) *Highlights of a fighting history: sixty years of a communist party, USA*. New York: International Publishers.
- ¹³ Uma análise mais pormenorizada sobre esta questão pode ser encontrada em Kipnis, Ira (1952) *The american socialist movement, 1879-1912*. New York: Columbia University Press.
- ¹⁴ Ver a este propósito Proletarian Union League (1977) *Two, three many parties of a new type? Against the ultra-left line*. New York: P.U.L.
- ¹⁵ Como foram os casos de Julius e Ethel Rosenberg.
- ¹⁶ Uma análise mais detalhada sobre esta questão pode ser encontrada em Cauter, David (1978) *The great fear*. New York: Simon & Schuster; e Schrecker, Ellen (1986) *No ivory tower: McCarthyism and the Universities*. New York: Oxford University Press.
- ¹⁷ Horne, Gerald (1987) *Communist front? The Civil 'right's Congress, 1946-56*. Rutherford: Dickson University Press.
- ¹⁸ A este propósito vide Kohl, J & Khol, H. (eds) (1990) *The long haul: an autobiography, by Myles Horton*. New York: Doubleday. O projecto "Highlander Folk School", fundado por Myles Horton, é um dos esteios estruturantes na luta contra a segregação racial nos Estados Unidos, tendo desempenhado um papel fundamental na alfabetização de milhões de agricultores, mimeiros, lenhadores. Acreditava Horton, num tipo muito particular de educação que ajudasse as pessoas a descobrirem em si próprias a coragem e as destrezas para poderem enfrentar e transformar a realidade.
- ¹⁹ A propósito do paulatino emergir da Nova Esquerda nos Estados Unidos da América vide: Gitlin, Tod (1987) *The sixties: Years of hope, days of rage*. New York: Bantman.
- ²⁰ Gitlin, Tod (1987) *The sixties: Years of hope, days of rage*. New York: Bantman.
- ²¹ A partir desta data, todos os novos edifícios públicos e nos vários campus Universitários seriam remodelados e os novos edifícios seriam construídos por forma a evitar a ocupação por parte dos estudantes. Um bom exemplo desta política é bem visível nos edifícios que compõem o campus da Universidade de Wisconsin – Madison.
- ²² Ortega y Gasset, José (1944) *Mission of the university*. New York: W. W. Norton & Company, INC, p. 38.
- ²³ Ortega y Gasset, José (1944) *Mission of the university*. New York: W. W. Norton & Company, INC, p. 38.
- ²⁴ A este propósito ver McLaren, Peter (2001) Fúria e Esperança: A Pedagogia Revolucionária de Peter McLaren. *Currículo Sem Fronteiras*, Volume 1, Número 2, Julho/Dezembro 2001, pp.171-188, www.curriculosemfronteiras.org
- ²⁵ Apple, Michael (1979) *Ideology and Curriculum*. New York: Routledge & Kegan Paul.
- ²⁶ Willis, Paul (1977) *Learning to Labor. How working class kids get working class jobs*. London:Gower.
- ²⁷ A este propósito vide: Friedman, M. (1990) *Free to choose: a personal statement*. New York: Harcourt.
- ²⁸ Para uma análise mais pormenorizada sobre a minha posição crítica em relação às políticas neoliberais vide: Paraskeva, João (2001-2002) El currículo como pratica de significaciones. Kikiriki, Cooperação Educattiva, Septiembre 2001 – Febrero 2002, 62, 63, pp., 8-16. e ainda Apple, Michael, Torres Santom+e, Jurjo & Paraskeva, João (2002) *Ventos de [d]escolarização: a nova ameaça à escolarização pública*. Lisboa: Plátano.
- ²⁹ Paraskeva, João (2002) Políticas culturais e educação perspectiva orientadora de leitura das actuais políticas educacionais. *Educational Review* www.ed.asu.edu/edrev/reviews/revp3.htm
- ³⁰ Apple, Michael (2001) *Educating the 'right' way*. New York : Routledge, p. ix.
- ³¹ Bullough, Robert & Gittlin, Andrew (1995) *Becoming a student of teaching*. New York: Garland Publishing, INC.

- ³² Ver ainda a este propósito Michael Apple, Jurjo Torres Santomé e João Paraskeva (orgs) *Ventos de Descolarização. A nova ameaça à escola pública*. Lisboa: Didáctica Editora. (no prelo).
- ³³ Torres Santomé, Jurjo (2001) *Educación en tiempos de neoliberalismo*. Madrid: Ediciones Morata; Torres Santomé, Jurjo (2001) A Construção da Escola Pública como Instituição Democrática: Poder e Participação da comunidade. *Revista Currículo Sem Fronteiras*, Volume 1 (1) Janeiro-Junho, pp., 51-80 www.curriculosemfronteiras.org. Vide ainda Torres Santomé, Jurjo. Escola e família: duas instituições em confronto. In: Michael Apple, Jurjo Torres Santomé e João Paraskeva (orgs) *Ventos de Descolarização. A nova ameaça à escola pública*. Lisboa: Plátano.
- ³⁴ Paraskeva, João (2001) Curriculum.com: extrema unção (neoliberal) à escolarização pública. *Educação & Realidade*, 26 (1). A este propósito ver ainda Paraskeva, João (2000) Projecto neoliberal: a (re)codificação dos discursos e das práticas curriculares, *V Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. O Particular e o Global no Virar do Milénio*. Algarve: Universidade do Algarve.
- ³⁵ Apple, Michael (1991) The new technology: is it part of the solution or part of the problem in Education? *Computers in Schools*, 8, 1-2-3, p., 75.
- ³⁶ Paraskeva, João (2001) Curriculum.com. *Educação e Realidade*. (no prelo).
- ³⁷ Apple, Michael (2002) *Manuais e trabalho docente*. Lisboa: Didáctica Editora.
- ³⁸ A este propósito vide também Paraskeva, João (2000) *A dinâmica dos conflitos ideológicos e culturais na fundamentação do currículo*. Porto. ASA.
- ³⁹ Macedo, Donald (1999) *Chomsky on miseducation*. Boston: Rowman & Littlefield, pp., 16-17.

Correspondência

João M. Paraskeva, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
E-mail: jmparaskeva@wisc.edu

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização do autor.
